

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**ALINE MEDEIROS DE SOUZA**

**A IMORTÂNCIA DO EDUCADOR NA VIDA DO AUTISTA**

**Rio de Janeiro**

**2014**

**ALINE MEDEIROS DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA VIDA DO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profª Dra. Denise Gusmão

Rio de Janeiro

2014

So895i	<p data-bbox="352 943 660 972">Souza, Aline Medeiros de</p> <p data-bbox="352 1005 1286 1095">A importância do educador na vida de um autista / Aline Medeiros de Souza. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014.– fl. il.</p> <p data-bbox="352 1133 1278 1223">Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014. Orientador: Dra. Denise Gusmão</p> <p data-bbox="352 1261 1278 1323">1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Inclusão. 4. Autismo. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p data-bbox="1182 1361 1294 1391" style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

**ALINE MEDEIROS DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA VIDA DE UM AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

**EXAMINADORES**

---

Professora Dra. Denise Gusmão

---

Metodologia de Pesquisa 2

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

**ALINE MEDEIROS DE SOUZA**

Dedico meu trabalho as minhas duas filhas Ana Júlia e Ana Clara que elas possam der como exemplo e seguir adiante. Aos meus familiares e amigos que de alguma maneira contribuíram para minha caminhada. As crianças que são minha eterna fonte de inspiração. A todos os meus professores que me proporcionaram a ampliação do meu conhecimento. A todas formandas da turma 2012 que serviram de alicerce para minha trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar pelo dom da vida e por ter me sustentado todos os dias, me dando força e me erguendo.

Agradeço aos meus pais, por ter me concedido uma família esmerada em meio a educação, valores e muito amor mesmo que cada um a sua maneira.

Minhas filhas que foram fortes me incentivando nas horas mais difíceis onde quase desiste.

Aos meus familiares que torceram por mim acreditando que chegaria até aqui.

Aos amigos verdadeiros que torcem por mim e sempre me estendeu a mão,

Em especial Dayse Mariana que me fez perceber que o querer é subjetivo!

A minha eterna coordenadora e amiga Jane Alcinah que me fez acreditar que “Quando Deus dá é por inteiro!” Essa frase me acompanhará eternamente.

Aos Professores grandes mestre em especial a Professora Madalena Freire e Jayna Cosmo que me ergueram quando tropecei e achei que ficaria no chão.

A minha orientadora Dr. Denise Gusmão que me fez acreditar que eu era capaz.

A todos os profissionais com os quais já trabalhei que de alguma forma contribuíram para minha experiência.

A todos os meus alunos, que não desistam da educação!!!

A todos os funcionários do Pró-Saber que dedicam o seu trabalho com muito carinho e prazer às alunas que por ali passaram.

*A inclusão escolar começa na alma do professor, contagia seus sonhos e amplia seus ideais. A utopia pode ter muitos defeitos, mas, pelo menos tem uma virtude: ela nos faz caminhar.*

*Eugenio Cunha*

## RESUMO

Este trabalho visa destacar, dentro do contexto de uma educação inclusiva, a importância do papel do educador para o aluno autista. A inclusão nas escolas tem avançado nos últimos anos e com isso cresce cada vez mais a necessidade de uma formação de qualidade aos professores e profissionais que estão com as crianças no cotidiano escolar.

**Palavras-Chave:** Educador. Inclusão. Autismo. Formação.

## **Sumário**

**INTRODUÇÃO** 11

**1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CIDADANIA**

**2 INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: ALGUMAS REFLEXÕES**

**3 AUTISMO, INCLUSÃO E CONTEXTO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA  
DA FORMAÇÃO EM SERVIÇO**

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**REFERÊNCIAS**

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a questão da inclusão das pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais tem sido amplamente discutida no contexto social e educacional. A partir do desejo e impacto de ter trabalhado pela primeira vez com um autista, nasceu o despertar para escrever a minha monografia. Meu primeiro encantamento, carregado de bastante emoção, foi quando o vi lendo! Era uma criança de 3 anos lendo livros e recontando a história. Nessa época, eu atuava como auxiliar o que me proporcionou ter um contato maior com ele, no mundo que o cercava. Durante essa trajetória pude perceber o quanto é importante a presença de um mediador, pois ele auxilia o educador e pode ter um olhar mais diferenciado para essas crianças.

Meu interesse foi aumentando e comecei a buscar informações sobre o assunto. Em conversas com profissionais de educação e da saúde, palestras e leituras especializadas, uma certeza: Não há como fazer inclusão de crianças se não for pela escola e é fundamental a figura do educador e sua intervenção no processo de aprendizagem.

Durante conversas com alguns educadores que acompanharam alguns alunos desde a Ed. infantil até hoje (2014, quando estão no 3º e 4º ano), percebi que a base dessa relação foi feita através do vínculo e obviamente a partir de um olhar diferenciado, pois a maioria das crianças autistas apresenta algumas características específicas tais como: Fala ecológica, repete o que as outras pessoas falam de forma involuntária, sem intencionalidade; fala na 3ª pessoa, não conseguindo inverter o discurso para si. Com isso as avaliações precisam ser bem elaboradas para que não prejudiquem e nem possam tirar a aprendizagem delas.

Esta monografia tem como principal objetivo, destacar a importância do educador para as crianças autistas. No primeiro capítulo, intitulado “Educação inclusiva e cidadania, trago, com a ajuda de Monteiro (2004), um breve panorama a cerca da inclusão escolar e a importância dos avanços nesta área para que sejamos de fato uma sociedade comprometida com o exercício da cidadania plena para todos. No segundo capítulo, apresento de forma breve o conceito de autismo segundo (Cunha, 2014 a) e relato um pouco da minha experiência com Samuel. No terceiro e último capítulo, para reforçar a

importância do contexto escolar e da formação de qualidade dos professores que estão na lida diária com as crianças autistas, trago trechos de entrevistas que fiz com a equipe interdisciplinar da escola onde trabalho. Embora a inclusão de alunos autistas seja um tema bastante complexo, meu desejo neste trabalho foi o de contribuir para que possamos, como profissionais de educação, acolher cada vez mais e melhor as crianças autistas.

## 1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CIDADANIA

Não podemos pensar em educação inclusiva, sem estudar/pensar na educação para todos e na prática de inclusão social. Diante da Constituição (1998), todos somos iguais e a inclusão é um direito garantido a todos.

O paradigma da inclusão serve como base para a efetivação de projetos políticos pedagógicos que privilegiem o respeito às diferenças e incentivo aos gestores educacionais para que aconteça uma transformação histórica diminuindo os processos de exclusão presentes na educação brasileira. (Monteiro, 2004, p.1)

No artigo “Ressignificando a educação: a educação inclusiva para seres humanos especiais”, Monteiro (2004) faz um breve e importante panorama histórico dos processos de exclusão e inclusão no Brasil.

Infelizmente os alunos deficientes ou com alguma deficiência eram encarados como um obstáculo para o funcionamento da escola. Suas limitações careciam de profissionais capacitados e espaço preparado para adaptá-los à melhor maneira.

A pedagogia da exclusão tem origens remotas, condizentes com o modo como estão sendo constituídas as relações humanas. Pessoas portadoras de deficiência, aquelas com necessidades especiais, sempre foram consideradas como "doentes" e incapazes frente aos padrões de normalidade. As situações sociais sempre lhes proporcionaram desvantagens no que se refere às interações sociais, ocupando o espaço da caridade, da filantropia e da assistência social (p.1).

Tem sido longo o caminho percorrido entre a exclusão e a inclusão escolar e social. Devemos lembrar que até bem pouco tempo, destacava-se o que esses indivíduos tinham de falta e que recursos poderiam ser utilizados para reparar essas faltas.

Em muitos casos, a escola especial desenvolvia um regime residencial afastando a criança, o adolescente e o jovem de suas famílias e da comunidade propondo-se a um acolhimento, uma proteção, que na verdade não aconteciam já que suas interações ficavam limitadas. As múltiplas interações da vida em sociedade ficavam minimizadas e todos perdiam inclusive os não deficientes. A partir da ideia de que o deficiente era melhor

afastado do convívio do que junto de todos os outros, o que se fazia evidente ainda mais eram a segregação e o preconceito(Monteiro, 2004).

A ruptura com a ideologia da exclusão visa à implementação de uma política de inclusão. É a partir do início da década de 90 que a formulação de políticas públicas na área da educação inclusiva ganha força respaldada pela Constituição Brasileira (1988), pela Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jontiem (1990), pela declaração de Salamanca (1994) e a LDBEN, que preconiza o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais preferencialmente em classes comuns das escolas, em todos os níveis, etapas e modalidades de educação e ensino (Monteiro, 2004, p.2)

Segundo a autora, pensarmos em uma sociedade inclusiva é importante para que possamos desenvolver e manter nossos discursos e nossas ações concretamente democráticas. Entendemos que, para garantirmos uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais respeitosa, a inclusão é a garantia a todos de um espaço comum da vida em sociedade. Pensando na inclusão entendemos que o acolhimento à diversidade humana é pautado em ações coletivas que possam proporcionar uma equiparação de oportunidades para o desenvolvimento das potencialidades desses indivíduos (Monteiro, 2004).

Monteiro (2004) alerta que como política de educação, a inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais vai muito além da matrícula dos alunos na rede regular de ensino, representando a possibilidade de “revermos concepções e paradigmas, num profundo respeito pelas suas diferenças”.

Atender às diferenças, atender às necessidades especiais, ressignificar, mudar o olhar da escola, pensando não a adaptação do aluno, mas a adaptação do contexto escolar aos alunos. Isso significa torná-lo múltiplo, rico de experiências e possibilidades, pronto para viver, (con)viver com o diferente, rompendo barreiras humanas e arquitetônicas, criando novos conceitos, dando novos sentidos, RESSIGNIFICANDO a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento humano(Monteiro, 2004, p.3)

Ao pensamento de Monteiro(2004), acrescento algumas reflexões de Eugenio Cunha, psicopedagogo que vem estudando o tema da inclusão. Segundo Cunha (2014b), existe hoje cada vez mais uma visão de que a escola

é “um privilegiado espaço, onde se articula a produção do conhecimento com o compromisso da cidadania”.

Entende-se, assim, que todos os educandos possuem o direito à educação, independentemente de suas limitações ou necessidades educacionais. Documentos relevantes, como a Declaração Universal dos Direitos da Criança e a Declaração de Salamanca, foram importantes marcos para essa mudança. Mas, ainda são grandes os desafios (p.23).

## 2 INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: ALGUMAS REFLEXÕES

A partir das aulas das Professoras Ana Elisabete Lopes (Educação Especial e a perspectiva da inclusão), Mariana (Libras) e Cristina Porto (Metodologia e Desenvolvimento da Pesquisa) puderam ampliar meu interesse pela Educação Inclusiva, em especial o Autismo.

Para desenvolver o conceito de autismo, trago a importante contribuição do psicopedagogo Eugenio Cunha (2014 a) em sua obra intitulada “Inclusão e Autismo”. Segundo o autor, autismo vem do grego autós, que significa “de si mesmo” e consiste numa síndrome muito complexa caracterizada por importante comprometimento na interação social e na comunicação. |

A Lei n.º 12.764/12 caracteriza a síndrome como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifesta por dificuldade de comunicação verbal e não verbal reciprocidade social e dificuldade para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento (Cunha, 2014 a, p.20).

Cunha (2014 a) afirma que autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, mas, em geral, os sintomas se revelam por volta dos três anos quando se percebe na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva.

A comunicação não verbal é bastante limitada, as expressões gestuais são inexistentes, porque a criança não atribui valor simbólico a eles. Uma das maneiras mais comuns para identificar casos de autismo é verificar se a criança aponta para algum objeto ou lugar. A criança tem dificuldade para responder a sinais visuais e, normalmente, não se expressa mimicamente, mesmo quando é estimulada (Cunha, 2014 a, p.24-25).

O autor acrescenta que

Além de haver um acentuado comprometimento do uso de múltiplos comportamentos não verbais ( contato visual, direto, expressão facial, posturas e linguagem corporal) que regulam a interação social e a comunicação, pode ocorrer também atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem falada. Nos indivíduos que chegam a falar, existe a chance de haver um acentuado comprometimento na capacidade de iniciar ou manter uma conversação e a ecolalia, que é a repetição mecânica de palavras ou frases.

No autismo, a capacidade para pensamentos abstratos, jogos imaginativos e simbolização fica muito prejudicada, e os objetos passam a ter funções apenas sensoriais, com pouca contribuição cognitiva (Cunha, 2014 a).

No entanto, alerta Cunha (2013), ainda que o autismo demande cuidados por toda a vida, o derrotismo é o maior inimigo da criança.

É fundamental que a concepção na educação não seja centrada apenas na patologia, mas principalmente no indivíduo. O processo educacional limitado à concepção do deficit pode tornar a prática pedagógica restritiva, mas apoiada nas necessidades do aprendente e no amor do educador gera autonomia.

Cunha (2014 a) chama a atenção para a relevância do papel dos profissionais da escola uma vez que muitos casos de autismo são percebidos primeiramente no ambiente escolar.

Na escola, devem-se utilizar o afeto e os estímulos peculiares do aluno para conduzi-lo ao aprendizado, porque, na educação, quem mostra o caminho é quem ensina. A observação é extremamente relevante na avaliação do grau de autismo. A observação, sem dúvida, é o primeiro passo para uma educação com resultados (p. 29).

Eugenio Cunha destaca, em suas reflexões sobre o autismo, a importância da observação no cotidiano escolar o que me leva a pensar na metodologia de Madalena Freire, a quem a observação é um instrumento muito precioso. Durante o meu percurso acadêmico pude conhecer na prática/teoria os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação, segundo afirma Madalena Freire, que são: a observação, o registro sobre a prática/teoria, a avaliação e o planejamento.

Meu primeiro passo para iniciar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi com a observação focada. Passei a observar as crianças autistas, suas identificações, características, diferenças, semelhanças, anseios... A partir das observações, a demanda foi me envolvendo a atenção, então passei a fazer registros reflexivos para apurar meus pensamentos e organizar as informações que eram obtidas em meu cotidiano. Eu anotava falas, situações cotidianas e pesquisas, pois conforme me deparava com o novo, buscava informações e embasamentos com teóricos e especialistas que pudessem fundamentar minha fala.

No dia 31 de maio de 2014, assisti no Pró-Saber uma palestra com a Dr<sup>a</sup>Jeanny Mary Costa Ribeiro – Psicanalista- sobre “Autismo”, que me remeteu a lembrança que vivi no ano de 2013, na instituição que trabalhei, pois ainda não havia trabalhado com inclusão.

Fui convidada a trabalhar na sala do maternal II, com alunos entre 3 e 4 anos, como auxiliar de educadora. Durante esse tempo tive a oportunidade de conhecer Samuel.

Havia uma relação entre os profissionais de sala devido ao horário, existia a equipe da manhã formada por educadora e auxiliar na parte da tarde também, com isso existia o momento da troca de turno, onde conversávamos sobre o dia. Quase sempre o maior desafio era colocar Samuel para dormir, pois ele sempre estava muito agitado. Então como atuava como auxiliar e eram meus primeiros contatos com a turma fui me dedicando mais a ele.

Comecei a levá-lo para área externa da creche, com isso passei a perceber que ele gostava e procurei sempre inventar o que fazer para incentivá-lo, ele corria no pátio, imaginava os desenhos nas nuvens, amava estourar bolinhas de sabão (era o que, mas ele gostava) e quando chovia, contávamos as gotas que caíam no chão.

O nosso vínculo e nossa relação foram se estreitando, e o que mais me chamava atenção é que sempre depois ele pedia para voltar para sala depois de um tempo passado. O desenvolvimento de Samuel passou a melhorar gradativamente, ele demonstrava maior interesse, vontade de se concentrar e interagir com os colegas, mas era uma luta, pois seu quadro de saúde era um pouco debilitado e tinha períodos que ele faltava muito então sempre reconstruíamos a nossa rotina.

Na creche havia um porteiro que sempre que chamava o nome dele, Samuel chega perto das educadoras e dizia: Samuel! Segundo a Dr.<sup>a</sup> Jeanny, o autista usa a sua fala em 3<sup>a</sup> pessoa, ele não consegue inverter o discurso, deixando de ser o outro e assumindo o “eu” da 1<sup>a</sup> pessoa.

Ele também era muito metódico, a sua sandália de velcro tinha uma forma de fechar se não ele se irritava e passava horas chorando dizendo que estava errado. A letra “L” de Samuel se fosse escrito com esse “l” não era o nome dele.

Um fato que me marcou emocionalmente foi o dia que descobri que ele sabia ler, no principio achei que ele estivesse repetindo o que eu li, mas quando percebi que ele sabia ler qualquer livro foi inenarrável. Compreendi que autismo não era sinônimo de problema cognitivo. Como diz Cunha:

As aptidões que ele possui servem como propulsores para a aquisição de habilidades. Exercícios que explorem as suas peculiaridades descortinam possibilidades incontestáveis de novas aprendizagens (Cunha, 2014, p. 43).

Outro caso, foi de Thuan de 8 anos que está cursando o 2º ano e vem demonstrando um certo pavor durante as semanas de avaliações. Pude perceber que quando começa o movimento que antecede essa semana de avaliações, ele começa a ficar inquieto e às vezes chora.

As professoras me relataram que os pais estavam exigindo muito de Thuan com relação às notas. Em meio as avaliações, um dia Thuan não aguentou a pressão e explodiu com choro angustiada, a professora um pouco impactada pediu ajuda para a diretora que o acolheu em sua sala e fez uma mediação com Thuan.

Felizmente eu pude acompanhar esse momento, quando a diretora de forma acolhedora, explicou a Thuan que as atividades que eram feitas em folhas em seu dia a dia eram iguais as das avaliações, que eram atividades que ele já havia aprendido... Aos poucos ele foi se acalmando, interagindo com ela e com a prova.

Naquele momento eu que estava alheia aquela situação, me emocionei. Como um olhar diferenciado muda toda trajetória do aluno, pois como diz Cunha (2014a, p. 105) “o mediador deve utilizar o afeto e o estímulo, enriquecendo-os com o saber, para que as possibilidades de aprendizagem floresçam a partir do interior do aprendente”.

Segundo alguns estudos, as abordagens mediadoras têm recebido grandes contribuições a respeito dos processos de aprendizagem, dos aspectos psicossociais e das questões cognitivas do indivíduo. Segundo Cunha (2014 a), alguns estudos como o de Paulo Freire, de escopo social e de valorização do aluno, e de Maria Montessori que desenvolveu um dos mais atraentes e universais modelos pedagógicos para a educação, possibilitaram

ao educador um olhar sobre sua prática docente, atendendo aos anseios do aprendente e favorecendo a sua autonomia.

Deste modo um aluno autista é também um aprendiz que elabora suas ideias, capacidade motora, seu aprendizado do mundo... Sendo assim, como qualquer aluno quando estiver em uma sala de aula estará produzindo, estará desejando, amando e possuindo interesse que ajudará sua cognição dentro de suas peculiaridades. Afinal todos somos iguais em nossas diferenças.

### **3 AUTISMO, INCLUSÃO E CONTEXTO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO EM SERVIÇO**

Segundo Cunha (2013), todos os autistas têm acentuada dificuldade de interação social e alerta para o fato de que o diagnóstico precoce, o tratamento especializado e a educação adequada propiciam maior independência e melhoram a qualidade de vida em qualquer nível de autismo, tornando a interação entre escola e família altamente relevante.

Entendendo que um contexto escolar inclusivo é de grande importância para crianças autistas, fui conversar com a equipe da escola onde trabalho na Zona Sul que atuo como Professora.

Segundo Freire (2014) “O registro reflexivo obriga a focar, priorizar no estudo, numa ação permanente de análises comparativas, a interpretar e fundamentar o próprio pensamento”. As notas imediatas me auxiliaram muito em entrevistas que fiz com os profissionais de educação e especialistas, pois com calma fui sistematizando e organizando meus pensamentos a partir delas.

A partir das observações e dos registros, iniciei o trabalho de pesquisa de campo entrevistando algumas profissionais da escola na qual trabalho que fica localizada em São Conrado, Rocinha. A instituição só veio a colaborar com meu trabalho acadêmico, pois a partir de algumas práticas e experiências pude enfatizar o meu tema sobre a importância do educador na vida do autista. Nessa escola que hoje atuo tem alguns autistas e em diversos graus. A escola é conhecida por lidar com crianças autistas sendo muitas vezes indicada por profissionais da área de saúde. Com ajuda de alguns profissionais pude desenvolver uma pesquisa de campo para fundamentação do meu tema.

Diretamente não tenho nenhum aluno autista esse ano, mas tenho me relacionado em especial com Leo de 8 anos que está no 3ºano e estuda em uma sala ao lado. Todo o dia vai a minha sala me cumprimentar e ver se eu trouxe um “gibi” para ele ler. Eu percebi que ele gostava muito de ler e então trouxe para ele. Às vezes me abraça forte, outras vezes pouco contato. Busquei saber um pouco mais sobre ele e descobri que iniciou na escola no 1º

ano, era agressivo, irritado, baixa coordenação motora, porém já sabia ler. A sua professora me relatou que era muito difícil a rotina, pois ele sempre agredia o colega e quase sempre era necessário pedir ajuda a diretora que sempre o acolhia. Realmente, hoje ouvir essa história, e principalmente perceber a evolução do desenvolvimento e aprendizagem dele só comprava a importância de um mediador e a função da escola.

Silva (2009, apud Souza et al, 2013) aponta a necessidade de orientação aos professores, pois é a falta de conhecimento a respeito dos transtornos autísticos que os impede de identificar corretamente as necessidades de seus alunos com autismo. Na medida em que o sujeito é visto somente sob o ângulo de suas limitações, a crença na sua educabilidade e possibilidades de desenvolvimento estará associada à impossibilidade de permanência deste sujeito em espaços como o ensino comum.

Buscando entender mais como a equipe dá suporte para a inclusão, fui conversar com a diretora que é dona da instituição há mais ou menos 12 anos e faz uma ótima parceria com a comunidade. Seu trabalho é tão reconhecido que vários médicos encaminham crianças com alguns distúrbios para estudarem nessa escola.

Após a pergunta sobre a inclusão escolar, ela responde que gostaria de alguma forma de ajudar crianças especiais. Então com ajuda de profissionais deu início ao trabalho de inclusão em sua escola, pois ela acreditava que a rotina com outras crianças ajudaria as crianças com alguma deficiência: “Acredito que as crianças precisam se desenvolver com outras crianças, para melhor socialização, interação, desenvolver a troca, a emoção”.

A diretora E. acompanha uma aluna que hoje tem 11 anos. Mel estuda na instituição desde o jardim quando iniciou com 3 anos. Ela relata que não tinha muitas informações, não sabia como lidar e que nem os pais suspeitavam do que acontecia com os filhos. Ela acreditava que seria por falta de informação e conhecimento sobre o assunto. Então, por conta própria, passou a fazer pesquisas, buscar informações de acordo com o quadro de cada criança. Também pode contar com ajuda de profissionais com uma Psicóloga e Fonoaudióloga. Que foi constatado que Mel tem “Asperge”, que é um transtorno do espectro autista, diferenciando-se do autista clássico, pelo portador ter fala compreensível.

No período de alfabetização, a professora explicava o conteúdo para a turma e depois fazia um trabalho individualizado com Mel. Procurava sempre deter a atenção dela. *“Se ela não estivesse me olhando pode ser certeza que ela não estava prestando atenção e não conseguiria compreender.”* Um dia a professora descobriu que a aluna se atraía por histórias em quadrinhos, então a diretora E. decidiu iniciar um trabalho.

Conversei com a Professora C. que alfabetizou a aluna Mel. Ela contou que na sala de aula havia histórias em quadrinhos, Mel lia muito bem e passou a desenhar os personagens da turma da Mônica. Se ela estivesse triste, ela desenhava o personagem da turma da Mônica triste, se ela estivesse alegre o personagem também estaria alegre, se ela quisesse chorar, fazia a Mônica com lágrimas escorrendo, com raiva ela colocava um raio na cabeça. Então por ai ela buscava se expressar. Eu perguntei se Mel demonstrava o que ela retrava no desenho e ela disse que sim, inclusive falava como se a personagem fosse ela. A Mônica sempre representava ela e a Magali era sua amiga...

*C: Então criei estratégias para alfabetizá-la. Ela já veio do Jardim<sup>1</sup> lendo e passou a ter interesse por revista em quadrinhos no 1º Ano. Eu dava aula para a turma e ela passava o tempo todo com HQ, se não desse ela chorava e gritava muito, ai ficava lendo, lendo, eu perguntava para ela sobre a aula e ela sabia me dizer todo o conteúdo que eu havia explicado.*

A professora C. também ressaltou que a maioria das crianças autistas ou com qualquer outro distúrbio no seu desenvolvimento de aprendizagem que procuram nossa escola vem por indicação de uma médica do Hospital da Lagoa que já encaminhou algumas crianças que hoje estão lá. Segundo a professora C. a aluna Mel foi a primeira experiência em inclusão de uma criança autista.

C: Quando Mel começou a fazer o jardim III, ela passou a apresentar dificuldades de relacionamento, e passou a ficar cada vez mais sensível. Não conseguia ouvir nenhum tipo de barulho, inclusive o simples barulho do microfone da hora da saída a deixava irritada, transtornada. Ficava se batendo, tinha que tirar de onde estivesse para acalmá-la e a diretora me ajudava muito, vinha e a acolhia, conversava com ela na sua sala.

---

<sup>1</sup> A professora refere-se ao jardim de infância, termo que já foi usado para designar a Pré escola.

A diretora não mediu esforços para ajudar Mel, a professora C. me conta na entrevista que quando a diretora E. soube que aconteceria no shopping a apresentação de uma peça com a presença de Maurício de Sousa, entrou em contato com a produção e explicou toda a trajetória da aluna e ele pediu para conhecê-la.

*C: Foi muito bacana! Ela ficou muito emocionada, levaram os desenhos dela e ele ficou encantado e disse que seus desenhos eram bem melhor que os dele quando tinha 7 anos e quem sabe futuramente ela poderia vir a trabalhar com ele.*

Mas, segundo C., a diretora E precisou fazer um outro trabalho com a aluna Mel de desconstrução para que ela pudesse compreender que ela não era a Mônica e que a Mel não era daquela forma.

O professor realmente precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico onde nessa relação quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno (Cunha, 2014a, p.33)

Como disse a equipe de suporte à inclusão conta com a presença de uma fonoaudióloga. I. diz que a maioria das crianças não vem com o laudo diagnosticado. Durante a anamnese, os pais não relatam muitas vezes por desconhecimento, o termo autismo. Então ela procura fazer perguntas simples e só daí ela consegue perceber através dos indícios deixados por eles.

O trabalho de I. é de apoiar o trabalho do professor. I. destaca em sua fala a importância da formação dos professores para um trabalho inclusivo e como isto ainda é raro. Geralmente o professor fica perdido, não sabe lidar e a procuram. Segundo Cunha (2014 a),

a inclusão escolar inicia-se pelo professor. Percebemos que, com a necessidade da educação inclusiva, criam-se leis, mas, nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola (p.101).

Estas ponderações nos levam a importância da formação em serviço e da existência de uma equipe interdisciplinar integrada à proposta pedagógica da escola e preparada para dar suporte aos professores. A fonoaudióloga I. procura incluir a disciplina da professora em suas atividades e com isso ela acaba sendo uma mediadora. Uma ponte entre o aluno e o professor. Ela troca informações de sua área com as professoras com o objetivo de aprimorar o

aprendizado e desenvolvimento do aluno e acrescenta: “*O autismo precisa de estímulo. É impressionante como o estímulo desenvolve o ser humano.*”

Estímulo que sem dúvida precisa estar acompanhado de acolhimento, interesse, observação e fé no outro e em suas possibilidades. Pois,

quando acreditamos no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir seu futuro, o incluímos, e nossa atitude torna-se o movimento que dará início ao seu processo de emancipação (Cunha (2014 a, p. 101).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo “Ressignificando a educação: a educação inclusiva para seres humanos especiais”, Monteiro (2004) destaca um pensamento de Vigotski que considero fundamental para o tema da inclusão: “A deficiência não é só impossibilidade, mas também é força. Nesta verdade psicológica se encontra o início e o fim da educação social dos alunos com deficiência” (Vigotski, 1989, apud Monteiro 2004, p. 1).

O olhar para a potência e não só para as limitações das crianças autistas nos fez refletir ao longo deste trabalho monográfico, sobre a importância do contexto escolar e do papel do educador. Concordo com Cunha (2014 a, p.113) que afirma ser a escola “um lugar apropriado para qualquer aluno desenvolver suas habilidades e superar seus limites”.

Para que isso aconteça, no entanto, é preciso que a escola invista no suporte aos educadores, na formação em serviço e no trabalho de equipe. Nas observações e entrevistas que fiz para a elaboração deste trabalho, ficou claro que o comprometimento da direção e de toda a equipe faz toda diferença para que uma educação sensível e de qualidade aconteçam de fato no dia a dia das crianças autistas.

## Referências Bibliográficas

CUNHA, Eugênio. **Autismo Infantil: Práticas educativas na escola e na família**. Disponível em: <<http://www.eugeniocunha.com.br/artigo/24/autismo-infantil:-praticas-educativas-na-escola-e-na-familia/>> 2013>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014a.

CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014b.

FREIRE, Madalena. Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. .

OLIVEIRA, Júlia Vasconcellos. **Mediação Escolar: sua importância, desafios e as barreiras que impedem sua implementação**. Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO-2013.

MONTEIRO, Mariângela da Silva. **Ressignificando a educação: a educação inclusiva para seres humanos especiais**. In: Direitos da Criança e do Adolescente. ABMP - Associação Brasileira de Magistrados e Promotores- UNICEF: Volume 1, 2004. Disponível em: <[www.educacaoonline.pro.br](http://www.educacaoonline.pro.br)> Acesso em: 03 nov. 2014

SANTOS, Marta Souza et al. **O autista no contexto escolar**. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar>>. Acesso em: 05 Out. 2013.

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.